

## CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte

Veja

Class.:

233 / Marcos

Data

11/02/81

Pg.:

90

## O índio exige respeito

Mariano Marcos Terena\*

Só descobri a Funai em 1976, quando cheguei a Brasília. Até então, nunca soube que havia tutor e tutelado, nunca tinha ouvido falar em direitos e, principalmente, em integração. Foi ali, finalmente, que assumi minha condição de índio. O meu Deus, afinal, não é o da escola Batista de Campo Grande, onde fiz o primário, mas o "itu-ku-oviti", que me ensinaram na aldeia — o criador. Meu povo cultua esse deus respeitando tudo o que ele fez: céu, sol, chuva.

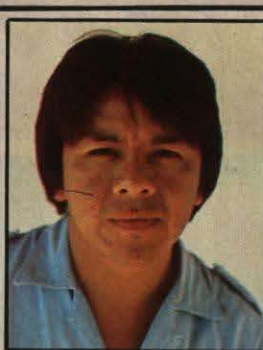
Minha raça é orgulhosa e perseverante. Tenho brevê de piloto e vou me formar em administração no próximo ano, mas não vejo isso como uma dádiva de quem quer que seja e, sim, como uma conquista pessoal. Vou vencer qualquer obstáculo. Já fiz alguns vôos para a Funai e, no ano passado, pedi minha efetivação como piloto do órgão. O coronel Nobre da Veiga, presidente, sugeriu uma troca: a efetivação pela emancipação. Não entendi. O que lucra a Funai com minha emancipação? Eles querem a integração ou a emancipação? Por que, para ser piloto do órgão de assistência ao índio, preciso deixar de ser índio?

Aceito a integração "progressiva e harmoniosa", a comunhão nacional, como reza o Estatuto do Índio. É inevitável. Mas a integração que eu admito deve basear-se num profundo respeito pelos aspectos étnicos e características comunitárias de cada nação. Deve preservar o índio, não transformá-lo em mais uma figura pitoresca dos anais da história ou dos filmes de banguê-banguê do futuro. A Funai, ao contrário, encara o Estatuto do Índio como um mero livro de poesias. Quer a emancipação, não a integração progressiva.

Lá estão seus técnicos discutindo nosso futuro e o que é melhor para nós sem considerar, até por uma questão de elegância, o que nós pensamos e sentimos em relação a tudo isso. O índio brasileiro não pode esperar calado, como a Funai quer, que planejamentos e estudos sejam feitos atrás de escrivatinhas e gabinetes, enquanto o progresso se interioriza, como se diz, e nos atinge. E como nos atinge? Com sua pior parte: suas doenças, seus vícios, a degeneração.

Na Semana do Índio do ano passado, fomos pedir ao coronel da Aeronáutica Ivan Zanoni Hausen, diretor do Departamento de Planejamento Comunitário da Funai, para participar da programação e das atividades. O coronel nos respondeu com um maço de papéis e, displicentemente, pediu que nos adequássemos ao que já estava pronto. Eram filmes, cartazes, exposições, tudo perfeito. Só faltava uma coisa: o índio.

Nosso contato — meu e dos outros catorze índios que estudam em Brasília — com a Funai é sempre por



*Não vamos ficar calados enquanto a Funai decide nosso futuro em seus gabinetes de Brasília*

intermédio do mesmo coronel Zanoni Hausen que, nas infindáveis reuniões da Funai, adverte seus colegas: "Estamos criando cobras para nos picar". E é ele quem cita suas "equipes técnicas" que traçam nossos rumos. Foram sociólogos, psicólogos e pedagogos, por exemplo, que decidiram por nós que estudar em Brasília é pernicioso para nossa formação. "Desaldeamento e vida em cidades atípicas", argumentaram para nos enxotar de Brasília. E o que dizem os antropólogos? Aliás, onde estão os antropólogos da gestão anterior?

Tive muita dificuldade de adaptação quando saí de minha aldeia para estudar em Campo Grande, a 300 quilômetros. Não conseguia entender, por exemplo, por que meus colegas riam tanto de meus sapatos furados e por que o pai de um deles me comprou sapatos novos. Só resolvi aceitar o presente quando me convenci de que era eu quem fazia o favor — pai e fi-

lho me garantiram que uma das frustrações do menino era não usar sapatos iguais aos meus. Custei, portanto, a entender conceitos como generosidade e pobreza. Para os "civilizados", tudo gira em torno do dinheiro; para nós, em torno da subsistência.

Algumas coisas, entretanto, eram muito claras. Entendi imediatamente, tempos depois, quando a irmã de meu amigo dos sapatos recriminou: "Mãe já disse para você não falar com esse bugre". "Bugre", na minha infância, era tudo aquilo que ninguém quer ser: o índio saído da aldeia, ingênuo e turrão.

Não sou mais um "bugre", não fui contratado pela Funai, continuo sem emprego e sob a ameaça de ser expulso de Brasília. Mas não deixei de ser índio. A integração com respeito é uma utopia? Pode ser, mas nós vamos lutar por isso. Lutar é uma característica de minha raça e vamos transmitir aos nossos descendentes o que nossos pais nos ensinaram: força, coragem e senso de justiça.

A emancipação de Mário Juruna, do cacique Raoni, a minha — como representante de uma nova geração de índios conscientes — seria, inevitavelmente, o primeiro passo para a perda de nossos direitos e de nosso principal bem: a terra.

Não sou Marcos. Sou Marcos Terena, tão índio quanto nasci. Se aceitasse a emancipação sugerida pelo presidente da Funai, estaria não só traindo minha condição de índio, mas traindo 11 000 terenas e quase 200 000 indivíduos índios.

\* Mariano Marcos Terena é índio da tribo Terena e estudante de administração de empresas em Brasília